

# **La historia de la cartografía escolar y la construcción de concepciones acerca del territorio nacional por alumnos brasileños (2012).**

Helene y Daniel Vieira.

Cita:

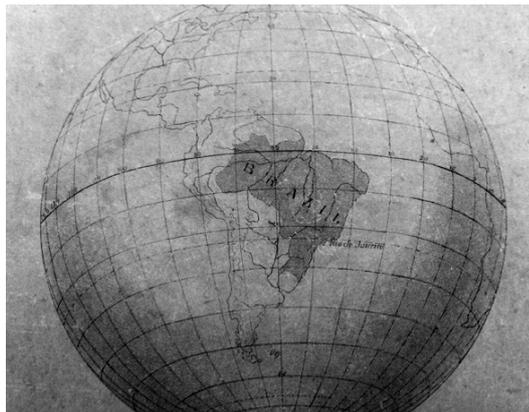
Helene y Daniel Vieira (2013). *La historia de la cartografía escolar y la construcción de concepciones acerca del territorio nacional por alumnos brasileños (2012)*. XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-010/936>

# **A história da cartografia escolar e a construção de concepções acerca do território nacional por alunos brasileiros (2012)**

**DANIEL VIEIRA HELENE<sup>1</sup>**

Paralelamente às batalhas travadas no universo da criação artística e pictórica, outros movimentos são perceptíveis - tanto no século XIX, período que podemos chamar de formação do Estado e da nação, quanto desde então e até mesmo atualmente, no que concerne aos processos de construção (POLLAK, 1989) e reconstrução (ASSMANN, 1995) da memória coletiva nacional.



(figura 1) Imagem constante da capa do *Atlas dos Estados Unidos do Brasil*, de Theodoro Sampaio, 1908.

Na formação do Estado e da nação, era decisivo "colocar o Brasil no mapa"; incluir o novo Estado nacional no (ou *na imagem do*) mundo. A imagem acima (figura 1) consta da capa do *Atlas dos Estados Unidos do Brasil*, de Theodoro Sampaio, cuja publicação data de 1908. A representação do globo terrestre, sem qualquer informação de natureza política a respeito de nenhuma parte da Terra, exceto aquela correspondente ao território brasileiro, em primeiro plano e destacado em outra cor, parece ser um convite a que se reconheça que o país existe, que possui uma identidade e que está indissociavelmente ligado a um território cujas fronteiras são conhecidas. Ademais, é preciso notar que, além da inscrição "BRAZIL", em letras maiúsculas dispostas diagonalmente sobre o território hachurado, há ainda a referência explícita à cidade do Rio de Janeiro, que àquela altura era a capital do país. Não será exagero

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo.

afirmarmos que essa imagem pretendia transmitir uma ideia sobre o Brasil, seu território e sua unidade (ou identidade).

Quarenta anos separam a obra de Theodoro Sampaio do que foi o primeiro Atlas escolar brasileiro, o *Atlas do Imperio do Brazil*, de Candido Mendes de Almeida, publicado no Rio de Janeiro em 1868. Gostaríamos de investigar algumas características desses dois atlas e analisar como suas semelhanças e diferenças se arranjam e produzem (novos) significados numa determinada história das representações cartográficas, particularmente aquelas acessíveis aos alunos de escolas brasileiras<sup>2</sup>. Mais do que efetuar um estudo de história dos Atlas ou da cartografia escolar, nos interessa discutir em que medida os empenhos e as batalhas de seus autores continuaram vivos, enquanto memória coletiva acessível pelas representações sociais, até períodos mais recentes.

Candido Mendes apresenta sua obra de maneira bastante cuidadosa. Além de destinar seu Atlas às escolas (especialmente aos alunos do Imperial Colégio de Pedro II), o autor explicita as razões que o motivaram a fazê-lo. Sob o título de "Razão desta obra" está um texto de nove parágrafos, no qual ele sustenta que sua obra deve auxiliar no conhecimento da nação e na sua construção: "queremos que os que a possuem, se esforcem por ve-la luzir com esmeraldo brilho". Ao mesmo tempo, omite sua intensa ocupação política na segunda metade do século XIX<sup>3</sup>. Tem consciência<sup>4</sup> de que seu Atlas encerra uma efetiva proposta para a administração das fronteiras - especialmente as internas, mas também as externas - e, no entanto, esquiva-se de apresentar o Atlas como instrumento desse jogo político da costura nacional.

Candido Mendes atrela a importância de seu Atlas ao futuro da nação, ao precisar a situação comunicativa na qual sua obra se inscreve: participar da formação das gerações de

---

<sup>2</sup> Tanto o de Theodoro Sampaio quanto o de Candido Mendes de Almeida são Atlas destinados às escolas. O primeiro se apresenta de forma muito sucinta: "Este **atlas** organizado para auxiliar o ensino da Geografia patria nas escolas primarias do Brazil contem os seguintes mappas:" - ao que se segue um sumário com 24 itens/páginas. Excetuando-se o título e as inscrições editoriais, este é o único texto que aparece no *Atlas dos Estados Unidos do Brazil* (algo que já aponta para um contraste grande em relação ao *Atlas do Imperio do Brazil*, que traz mais páginas com textos do que com mapas).

<sup>3</sup> Tendo nascido em 1818, Candido Mendes de Almeida se graduou em advocacia em 1839 em Olinda. Além de professor de Geografia e de História no Lyceu do Maranhão (até 1850), trabalhou como promotor na mesma província. Membro do Partido Conservador, tornou-se deputado geral pela província do Maranhão em 1843 e, depois de representar sua província por cinco legislaturas consecutivas, tornou-se senador do Império em 1871 (BORGES, 2006: 381)

<sup>4</sup> Isso o atestam várias passagens da parte de textos do *Atlas do Império do Brazil*, notadamente os trechos em que discute questões como conflitos decorrentes da imprecisa demarcação de fronteiras entre as províncias, ou em que argumenta que províncias muito extensas são um despropósito tanto quanto províncias por demais diminutas. No desenho dos mapas constantes do Atlas - assim como na reunião de fartíssimo material de referência descrito na parte dos textos - Candido Mendes toma decisões acerca das fronteiras; faz propostas - inclusive a de criação da província de Pinsonia, no extremo norte. Sobre essas questões, gostaríamos de remeter o leitor também a GUERRA e SANTOS, 2011.

futuros administradores do Império. Conhecer o território nacional, fixar uma imagem dele, amanho esse "grande e opulento patrimônio" (que é o "nosso solo", cujas riquezas são inesgotáveis), tornar cada vez mais conhecido interna e externamente o território dessa "segunda família": eis os principais objetivos declarados pelo autor.

Que território é esse? Qual o desenho interno e externo de suas fronteiras?

Fizemos com 32 alunos do Instituto Acaia (uma Organização Não-Governamental localizada na zona oeste da cidade de São Paulo), todos egressos do Ensino Médio da rede pública estadual, no de 2012, uma atividade cujo objetivo era diagnosticar como pensam a história territorial brasileira e o "começo" do Brasil, antes de haver começado a estudar (no Instituto Acaia), a História do Brasil. Perguntamos, inicialmente: *"Existe um momento em que o Brasil 'começa a existir'?"* *Que momento seria esse? Explique."*

Dos 32 alunos, 10 afirmaram que algum evento do século XIX marca a origem do Brasil: 7 apontaram a independência como esse momento inaugural, outros dois destacaram a proclamação da República e ainda um aluno afirmou que *"talvez o Brasil tenha 'começado a existir' quando a escravidão foi abolida e quando o Brasil começou a crescer economicamente."* (Letícia). 4 alunos escreveram respostas que não nos permitem formar agrupamentos, já que fazem menção a acontecimentos ou a concepções bastante diversos. É o caso da resposta de Camila<sup>5</sup>:

*"Quando o território esta definido, ou seja, quando suas fronteiras são delimitadas começa a surgir um Brasil. Os Bandeirantes tiveram papel fundamental nesse contexto. Porém um identidade de 'Brasil', nação pode se concretizar com a criação de hino nacional e bandeira."*

Camila revela consciência de que o Brasil, especialmente sua realidade territorial, tem uma história, ou seja, passou por um período de formação, para o que concorreram alguns acontecimentos, entre os quais as expedições bandeirantes.

Outras duas alunas registraram respostas que evidenciam concepções importantes de serem ressaltadas. Uma delas é Taís:

*"O Brasil começa a existir no momento em que os índios são reconhecidos, como os primeiros habitantes do Brasil."*

---

<sup>5</sup> As transcrições das respostas dos alunos estão o mais fiel possível à forma como eles escreveram, de modo que preservam os equívocos de acentuação, pontuação ortografia... Feito este alerta, nos escusaremos de discutir aspectos menos relevantes de questões presentes nesses trechos.

Nesta resposta, cumpre destacar a menção aos "índios", algo que aparece em apenas 7 das 32 respostas. Também chamamos atenção para a afirmação de que os índios seriam os primeiros habitantes do Brasil, pois tal afirmação pode revelar uma concepção segundo a qual a realidade territorial está dissociada de uma identidade nacional específica, ou seja, em última análise, não há *história atribuída ao território*. Nela, o Brasil de certa forma sempre existiu; mudaram os povos que habitaram essa porção de território que, de maneira naturalizada, nunca deixou de ser Brasil. A figura 2, abaixo, mostra um mapa constante do Atlas Histórico atualmente mais popular nas escolas brasileiras. Não podemos afirmar que especificamente a aluna Taís ou qualquer outro aluno tenha efetivamente tido acesso a tal Atlas e, portanto, a este mapa. No entanto, destacamos que ele evidencia a mesma concepção acerca do território brasileiro e dos povos indígenas manifestada por Taís.



(Figura 2) Mapa constante do *Atlas Histórico Básico*, de José Jobson de Arruda, 2001, p. 35.

Ao apresentar os diversos povos indígenas que habitavam esta parte do mundo quando da chegada dos portugueses projetando sobre a "época do descobrimento" as fronteiras nacionais do Brasil da segunda metade do século XX e fazendo com que os "povos indígenas" preencham a totalidade *deste* território, o *Atlas Histórico Básico*, de José Jobson Arruda, abandona a perspectiva de narrar a formação territorial brasileira e, portanto, o objetivo de não naturalizar suas fronteiras. Vejamos outra resposta:

*"O Brasil começa a existir para os europeus, no momento em que fora descoberto por 'Portugal'. Deve-se resaltar que ele sempre existiu, que era habitado por*

*diversas tribus indígenas. Para os que se diziam 'civilizados' o Brasil só começou a existir no momento em que descobrem suas riquezas, e se enteresam por ele, para aumentar seus lucros." (Luana)*

A resposta de Luana é ao mesmo tempo próxima e distante da de Taís. Há que se chamar atenção para o destaque dado por Luana às diferentes perspectivas em relação à existência do Brasil. No entanto, assim como Taís, Luana atribui ao Brasil uma qualidade natural: "deve-se ressaltar que ele sempre existiu".

Outros 3 alunos escreveram respostas relativamente próximas à de Luana, porém com significativas transformações. É o caso do que escreveu a aluna Kamila:

*"O espaço de terra denominado 'Brasil' pelos colonizadores sempre existiu, porém após a ocupação pelos europeus, esse território passou a ter um nome. Eu não sei dizer exatamente em que momento o Brasil passou a 'existir', mas acredito que tenham sido os padres jesuítas que determinaram isso."*

Aqui, em vez de afirmar que o Brasil sempre existiu (ou algo próximo disso), a aluna ressalta uma diferença importante: o Brasil e a área territorial que ele ocupa são entidades essencialmente diferentes. Não cabe entrarmos aqui na discussão a respeito do que Kamila vê na ação dos jesuítas, mas há que se chamar atenção para o destaque que a aluna dá à ação de nomeação do território. Isso também aparece, por exemplo, na resposta da aluna Carolina: "*O território que chamamos de Brasil existe há muito tempo, mas acredito que o nome tenha vindo dos colonizadores...*"

Por fim, 13 alunos registram respostas nas quais sustentam que o Brasil começou a existir a partir do início da colonização. Vejamos, a título de exemplo, a resposta escrita por Andreza:

*"O momento que o Brasil começou a existir foi quando os portugueses chegaram nessas terras e denominaram como Brasil, no entanto os índios já haviam conquistado as terras, mas não existia um nome concreto p/ suas terras. Creio que seja assim."*

A escolha das palavras, empreendida por Andreza, não deve ser desprezada: ela afirma que "os índios" já haviam "*conquistado*" as terras, ainda que não as tivessem batizado com um "*nome concreto*". Isso atribui aos povos autóctones do território correspondente ao Brasil atual duas características bastante relevantes, no nosso entender. Em primeiro lugar, Andreza

(como todos os demais que mencionaram os povos indígenas) supõe uma identidade entre esses povos que, em conjunto, vieram a *conquistar* essas terras. O uso do verbo "conquistar" neste caso, nos parece, revela uma poderosa concepção subjacente: não há "terra de ninguém". A colônia era portuguesa, mas antes dela havia outros povos aqui, antes dos quais havia também outros. As "mudanças de dono" dessa terra se deram por meio de "conquistas", ou seja, em alguma medida, por meio de conflito<sup>6</sup>. Isso ajuda a realçar uma característica do pensamento de muitos alunos sobre o território, da qual trataremos mais adiante: a concepção segundo a qual o território brasileiro experimenta, apenas, um processo de expansão - processo em que não há nem conflitos, nem *outras territorialidades* vizinhas. No limite, essa concepção revela um tipo de pensamento teleológico sobre os limites territoriais brasileiros. Em segundo lugar ela revela uma compreensão segundo a qual, apesar de haver povos indígenas vivendo no território em que os portugueses aportaram em 1500, eles não haviam dado um *nome concreto* para "seu território".

Qual é a história dessas representações sobre o território nacional?

A esta pergunta aportaremos algumas hipóteses, alguns indicadores de resposta, dado que esta exposição trata de uma investigação ainda em andamento. Acreditamos que alguns mapas nos ajudam a compreender parte dessa história.

Bastante representativo da história da ideia de um Brasil "natural", de um pensamento teleológico sobre o território nacional, assim como da "terra de ninguém" em que consistia o território não (administrativamente, pelo menos) "ocupado" por Portugal, seja o mapa "As Primeiras Capitânicas Hereditárias" (figura 3), da 4ª edição do *Atlas Histórico Escolar*.

Aqui parece haver um território brasileiro natural, atemporal. Por mais que o título denuncie a disposição de apresentar uma representação cartográfica das primeiras divisões administrativas da colônia portuguesa, o mapa termina por supor a existência, do lado ocidental do meridiano de Tordesilhas, do "resto" do futuro território nacional do Brasil. No caso deste mapa, as fronteiras não estão representadas de modo concreto, mas sugeridas pelo desenho composto pelo emaranhado dos rios que se escolheu representar: as (futuras) fronteiras internacionais brasileiras são obra da natureza e estavam, podemos dizer, pressupostas já no século XVI.

---

<sup>6</sup> Além do que destacamos efetivamente para análise, é importante lançar luz sobre o fato de que essa concepção em torno do conflito não é comum entre os adolescentes que estudam História na escola. Em geral, o conflito é algo tido pelos estudantes como um problema que precisa ser eliminado, resolvido - e não como algo que torna o movimento da história possível. A esse respeito, veja-se, entre outros, CARRETERO (et al.), 1997.



Fiel a sua concepção de ser o Brasil a "reunião de vários estados", o aluno Rodolfo representou-a cartograficamente na segunda parte da atividade proposta. Nesta, solicitamos aos alunos: "*Nos mapas abaixo, que mostram apenas o contorno do continente americano, represente o Brasil, de acordo com o que era seu território, em três momentos diferentes de sua história (à sua escolha)*". Rodolfo é provavelmente o único aluno que não conseguiríamos encaixar em dois grandes grupos de respostas que imediatamente podemos formar, de acordo com as concepções sobre o território brasileiro que vão evidenciando: um grande grupo (16 alunos) que representa o território nacional em três momentos numa sequência de expansão; e outro, também expressivo (15 alunos), que representa as fronteiras e limites do território brasileiro como uma continuidade estável. É possível ainda perceber que 17 alunos demonstram ter em mente a representação cartográfica do Tratado de Tordesilhas: "mais para lá ou mais para cá"<sup>8</sup>, o meridiano vertical e retilíneo faz-se presente nesses desenhos. Interessante observar como essa imprecisão, de certa forma, ecoa no que Iris Kantor esclarece a respeito do Tratado de Tordesilhas e seu momento histórico:

O Tratado de Tordesilhas, assinado em 7 de junho de 1494, dividiu o mundo em dois hemisférios, por um meridiano distante de 370 léguas das Ilhas de Cabo Verde, deixando à Espanha tudo que ficasse no Ocidente, e a Portugal o que se contivesse no Oriente. O acordo estabelecia o prazo de dez meses, contados a partir da data do pacto, para que fosse demarcado o meridiano divisório. Entretanto, a linha nunca chegaria a ser fixada *in situ*. Sua localização nos mapas era um exercício de projeção conceptual que não levava em conta nem os aspectos físicos geográficos, nem a ocupação ameríndia do território. (KANTOR, 2007: pp. 70 - 71)

Oito alunos representaram também as capitanias hereditárias, sinalizando linhas horizontais na costa atlântica da América do Sul. Nos parece que aqui contou o fato de que há, em quase todos os livros didáticos de História do Brasil, mapas que representam tanto o meridiano de Tordesilhas, quanto as capitanias hereditárias - e são mapas que chamam a atenção, à primeira vista, talvez justamente pela arbitrariedade (devido à distância da realidade territorial vivida) da divisão administrativa retilínea (que fica evidenciada de forma contumaz na representação cartográfica). No entanto, se os alunos (esses oito, pelo menos) representam *essas* (supostas) divisões internas no primeiro dos três mapas, nos demais (e portanto nos *demais períodos*) as capitanias hereditárias dão lugar à representação de uma

---

<sup>8</sup> Coincidente, por vezes, com os limites ocidentais do Brasil atual.

maciça *unidade territorial*. Apenas 3 alunos, além de Rodolfo, representam algum tipo de divisão interna ao território nacional nos demais mapas.

Em outro texto, Kantor chama a atenção para algo que, tendo ocorrido entre o final do século XVIII e o início do XIX, parece mais uma vez dizer respeito à atualidade das representações e dos pontos de referência da memória coletiva:

Não parece ser obra do acaso a preservação da unidade territorial do futuro Império do Brasil, quando comparada à fragmentação política experimentada pelos antigos vice-reinos hispano-americanos, entre 1810 e 1825. Desde a instalação da Corte portuguesa no Rio de Janeiro, em 1808, acirram-se as tensões entre as capitânicas do centro-sul e as demais capitânicas do norte e nordeste da América portuguesa. Tendências centrífugas que alimentaram reações separatistas logo após a proclamação da Independência; sem, no entanto, terem sido suficientes para romper a unidade geopolítica concebida e projetada na cartografia militar pelos reformadores ilustrados na última década do século XVIII. (KANTOR, 2010: p. 111)

Kantor chama nossa atenção para a existência da *Sociedade Real Marítima, Militar e Geográfica para o Desenho, Gravura e Impressão das Cartas Hidrográficas, Geográficas e Militares* - e suas operações no sentido de conformar uma determinada *cartografia* que projetava, já no século XVIII, uma unidade geopolítica para o território da América Portuguesa. Se "o Brasil como entidade geopolítica estava sendo inventado naquele momento" (KANTOR, 2010: p. 123), nos parece claro que o que foi inventado naquele momento perdura até os dias atuais na memória coletiva dos brasileiros sobre o território nacional e suas representações. No encaixe deste embate entre as forças separatistas calcadas nas identidades regionais e as forças centrípetas a instituir a unidade territorial, é preciso que voltemos aos Atlas e aos livros didáticos de História para verificarmos as representações que projetam e divulgam.

Tratamos já de como a representação de divisões internas ao território representado como brasileiro é farta no que concerne ao período das capitânicas hereditárias. No entanto, é preciso que se registre que mapas como o que consta do livro de Joaquim Silva (figura 4), são atualmente raríssimos na literatura cartográfica escolar.



*territorial*, em detrimento da representação de qualquer *imprecisão* nas fronteiras externas e/ou de qualquer *evidência* de separação interna.

Vamos encontrar mapas semelhantes ao que está encartado no livro de Joaquim Silva também no livro coordenado por Sérgio Buarque de Hollanda, intitulado *História do Brasil*. É tão farto o material cartográfico e a preocupação com a formação territorial brasileira neste livro que o título poderia ser "História territorial do Brasil". Publicou-se ali uma infinidade de mapas da formação do território brasileiro, muitos dos quais são tipos de representações completamente ausentes das coleções atuais (figuras 5, 6 e 7): limites imprecisos, divisões internas...

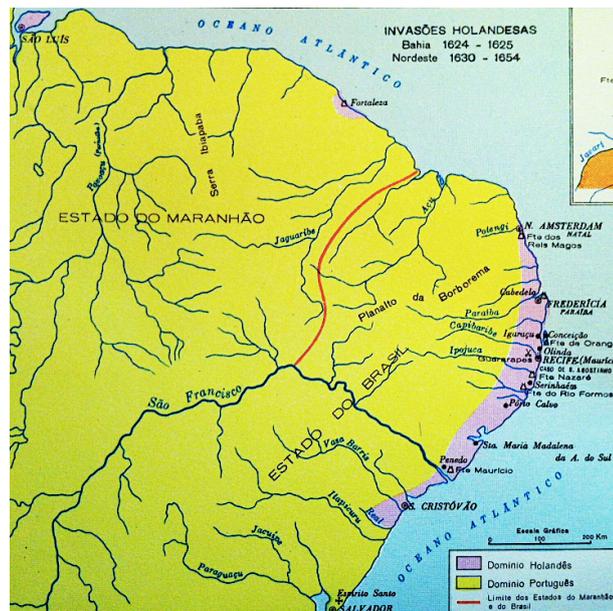


(Figuras 5 e 6) Mapas constantes do livro *Coleção Sérgio Buarque de Hollanda - História do Brasil. Curso Moderno*, páginas 89 e 90.

A divisão explicitada no mapa da figura 7, entre Estado do Maranhão e Estado do Brasil, aparece também em um mapa do *Atlas Histórico Escolar*, de 1968. Observa-se, porém, que tal divisão está tratada de forma significativamente distinta (figura 8): além de estar representada com uma linha demarcatória de fronteira bastante precisa, trata-se de um detalhe de um mapa que não é *sobre isso*.



(Figura 7) Mapa constante do livro *Coleção Sérgio Buarque de Holanda - História do Brasil. Curso Moderno*, página 54.



(Figura 8) Mapa da 4ª edição do *Atlas Histórico Escolar*, p. 22.

No sentido de uma conclusão, retomemos, então, o *Atlas dos Estados Unidos do Brazil*, de Theodoro Sampaio. Dissemos que o Atlas de 1908 é composto de 24 páginas, que seguem o mesmo modelo do *Atlas do Império do Brazil*: primeiro, mapas do território nacional e, em seguida, mapas dos estados. Há, antes de tudo, um "Mappa Mundi", seguido do seguinte, de acordo com o sumário:

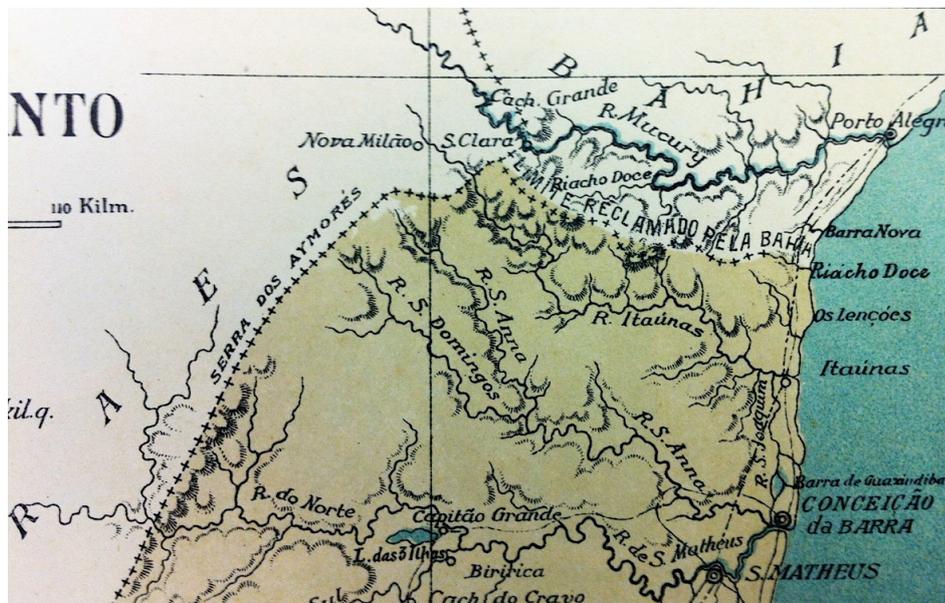
2 America do Sul; Brazil Geologico e mineralogico; figurações sobre a

14 Espirito Santo

quantidade de chuva annual, flora e  
ethnographia

3 Estados Unidos do Brazil	15 Rio de Janeiro
4 Amazonas	16 Districto Federal
5 Pará	17 S. Paulo
6 Maranhão	18 Paraná
7 Piauhy	19 S. Catharina
8 Ceará	20 Rio Grande do Sul
9 Rio Grande do Norte e Parahyba	21 Minas Geraes
10 Pernambuco	22 Goyaz
11 Alagoas	23 Matto Grosso
12 Sergipe	24 Acre
13 Bahia	

O mapa-múndi e o da América do Sul parecem compor o mesmo esforço que já sugerimos no uso do pequeno globo com o Brasil destacado, reproduzido na capa do Atlas: situar (colocar) o Brasil no (ou *na imagem do*) mundo. Daí em diante, o que em particular nos interessa são os 21 mapas dos estados, pois eles nos permitem verificar como Theodoro Sampaio lidou com a representação das fronteiras internas à República - com a costura da nacionalidade expressa na representação do território.



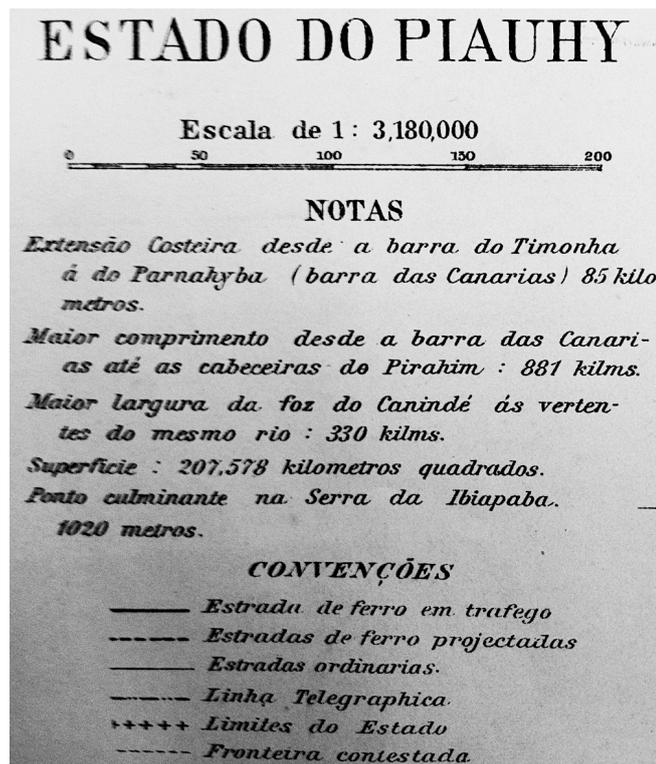
(Figura 9) Detalhe do mapa "Estado do Espírito Santo", constante do *Atlas dos Estados Unidos do Brazil*, p.14.

Vejamos primeiramente duas imagens, ambas detalhes do mapa do estado do Espírito Santo, enfocando a divisa com a Bahia (figura 9) e a divisa com Minas Gerais (figura 10).

Destaque-se, na primeira, a inscrição "limite reclamado pela Bahia" e, na segunda, a inscrição "território contestado". No mapa "Estado do Piauí", Teodoro Sampaio esclarece, na legenda (figura 11), que há uma linha de "fronteira contestada".



(Figura 10) Detalhe do mapa "Estado do Espírito Santo", constante do *Atlas dos Estados Unidos do Brazil*, p.14.



(Figura 11) Detalhe do mapa "Estado do Piauí", constante do *Atlas dos Estados Unidos do Brazil*, p.7.

Por fim, observemos o que tem Theodoro Sampaio a mostrar a respeito do Estado de Santa Catarina (figura 12) e do Estado do Paraná (figura 13).



*proposta* que sua obra tinha, em vez de representar as fissuras da costura nacional nas divisas entre as províncias, encontrava outras soluções para representá-las sem a explicitação de qualquer conflito<sup>9</sup>. Assim é, por exemplo, o mapa do Espírito Santo, ou o do Piauí: não há qualquer menção a qualquer incerteza divisória. No caso do conflito entre Paraná e Santa Catarina, Mendes recorre a um expediente criativo: na folha dedicada à Província do Paraná, atribui a esta província a jurisdição sobre o território em litígio; na folha dedicada a Santa Catarina, atribui aos catarinenses a jurisdição sobre o mesmo território<sup>10</sup>.

Não é verdade que Candido Mendes ignorasse tais conflitos: no próprio *Atlas do Imperio do Brazil* ele escreve sobre vários aspectos incertos e incoerentes na definição das divisas internas entre as províncias (GUERRA e SANTOS, 2011: pp. 3 - 9). No entanto, chamamos atenção para o fato de que, ainda que o autor *escreva* sobre tais conflitos, ele não os *representa cartograficamente* no seu Atlas, como o faz Theodoro Sampaio. Essa diferença entre esses dois Atlas, se reportada ao pequeno histórico que fomos capazes de apresentar aqui, parece ser decisiva em relação ao estabelecimento da *imagem do território brasileiro e de sua história* que se assentará com mais força na memória coletiva.

Ao dedicar seu atlas à Instrução Pública do Imperio com especialidade á dos Alumnos do Imperial Collegio de Pedro II (*sic*), de certa forma Cândido Mendes apostou na capacidade da linguagem cartográfica em criar uma imagem do espaço brasileiro de forma a consolidar os limites que foram por ele propostos. Afinal, é através dos mapas que os limites são definidos, traçados e passam a ter sua existência material. (GUERRA e SANTOS, 2011: p. 3)

Se observarmos o que, na sua maioria, os alunos de hoje representam como o território brasileiro e sua história - assim como a história da literatura cartográfica escolar -, veremos que, entre Theodoro Sampaio e Candido Mendes, este último, ao propor uma imagem cartográfica consolidada - e pacificada - do território nacional, parafraseando Jorge Coli (2003: p. 22), atingiu a convergência rara de formas, intenções e significados que fazem com que uma imagem cartográfica e uma ideia de território entre poderosamente em uma cultura.

---

<sup>9</sup> Essa dimensão de *proposta* também atinge a questão das fronteiras internacionais: "De todos os países que fazem fronteiras com o Brasil, apenas o Uruguai já tinha à época limites acertados e demarcados com o Império. A Venezuela, Peru e Bolívia já haviam entrado em acordo com o Brasil a respeito dos limites, mas ainda precisavam cumprir algumas etapas, ou assinar o acordo ou proceder às demarcações. Com os demais países, o Brasil não tinha conseguido entrar em acordo, havendo muitos litígios. Na elaboração do atlas o autor utilizou as demarcações oferecidas pelo Brasil em tentativas de acordo sobre o assunto." (GUERRA e SANTOS, 2011: p. 7) Não há espaço, note-se, para incertezas nas fronteiras internacionais.

<sup>10</sup> Veja-se a este respeito a análise de GUERRA e SANTOS, 2011, especialmente às páginas 8 e 9; 16 e 17.

Esta imagem do território uno e sem conflitos dificilmente poderá vir a ser apagada ou substituída: ela é a imagem do território nacional brasileiro.

## Bibliografia

- AGUIAR, Valéria Trevizani Burla de. "O Atlas geográfico escolar de Candido Mendes de Almeida e o ensino de geografia no Brasil Imperial" in OLIVEIRA, Francisco Roque de e VARGAS, Héctor Mendoza (coords.). *Mapas de Metade do Mundo - a cartografia e a construção territorial dos espaços americanos, séculos XVI a XIX*. Lisboa / Cidade do México: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa / Instituto de Geografia da Universidad Nacional Autónoma de México, 2010. pp. 343 - 356.
- ALBUQUERQUE, Maria Adailza Marins de e OLIVEIRA, Aldo Gonçalves de. "A Cartografia Escolar no Brasil: origens históricas e debates metodológicos" in *Anais do 3º Simpósio Iberoamericano de História da Cartografia*. São Paulo: abril de 2010.
- ASSMANN, Aleida. "Canon and Archive" in ERLI, Astrid e NÜNNING, Ansgar (eds.). *Cultural Memory Studies - an international and interdisciplinary handbook*. Berlim: Walter de Gruyter, 2008. pp. 97 - 107.
- \_\_\_\_\_. *Espaços da Recordação - formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Unicamp, 2011.
- ASSMANN, Jan. "Collective Memory and Cultural Identity" in *New German Critique*. Número 65. Cultural History / Cultural Studies (Spring - Summer, 1995), pp. 125 - 133.
- BACZKO, Bronislaw. "Imaginação Social" in ROMANO, Ruggiero (org.). *Enciclopédia Einaudi*. Volume 5. Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1985, pp. 296 - 330
- BENTON, Lauren. *A Search for Sovereignty - Law and Geography in European Empires, 1400-1900*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. "Identidades e ensino de história no Brasil" in CARRETERO, Mario, GONZÁLEZ, María Fernanda e ROSA, Alberto (orgs.). *Ensino da História e Memória Coletiva*. Porto Alegre, Artmed, 2007, pp. 33 – 52.
- BORGES, Maria Eliza Linhares. "Atlas histórico: com eles também se escrevem memórias nacionais" in DUTRA, Eliana de Freitas e MOLLIER Jean-Yves (orgs.). *Política, Nação e Edição. O lugar dos impressos na construção da vida política. Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII - XX*. São Paulo: Annablume, 2006. pp. 369 - 389.
- \_\_\_\_\_. "Imagens do Brasil do século XVII: um estudo sobre o Atlas de Albernás" in *Anos 90 - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Volume 7, número 11. 1999, pp. 54 - 72.
- BURKE, Peter. "História como Memória Social" in *Variadas de História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. pp. 67-89.
- CARRETERO, Mario (et al.). *Construir e Ensinar as Ciências Sociais e a História*. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- CARRETERO, Mario e KRIGER, Miriam. "A usina da pátria e a mente dos alunos: um estudo sobre as representações das efemérides escolares argentinas" in CARRETERO, Mario, GONZÁLEZ, María Fernanda e ROSA, Alberto (orgs.). *Ensino da História e Memória Coletiva*. Porto Alegre, Artmed, 2007, pp. 147 – 166.

- CARVALHO, José Murilo de. "E D. João resolve... ficar!" in *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 3, número 32. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, maio de 2008.
- CASTORINA, José Antonio. "La adquisición de los conocimientos acerca de la historia y las representaciones sociales" in CASTORINA, José Antonio (coord.). *Constucción Conceptual y Representaciones Sociales. El conocimiento de la sociedad*. Buenos Aires, Miño y Dávila, 2005, pp. 239 - 254.
- CAVENAGHI, Airton José. "O *Atlas do Império do Brazil* e as representações existentes no livro: 'História da Vida Privada no Brasil: Império: a Corte e a modernidade nacional'" in *Revista Projeto História - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*. Número 41. São Paulo, 2010. pp. 383 - 403.
- COLI, Jorge. "Introdução à pintura de História" in *Anais do Museu Histórico Nacional - História e Patrimônio*. Volume 39, p. 1-536. Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional, 2007, pp. 49 - 58.
- \_\_\_\_\_. "A Primeira Missa no Brasil, de Vítor Meirelles" in *Revista Nossa História*. Ano 1, número 1. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, novembro de 2003.
- \_\_\_\_\_. "Primeira Missa e invenção da descoberta" in NOVAES, Adauto (org.). *A Descoberta do Homem e do Mundo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998, pp. 107 - 121.
- DANTAS, George Alexandre Ferreira; FERREIRA, Angela Lucia e SIMONINI, Yuri. "Desenhando Territórios: a cartografia de Candido Mendes e o 'nordeste' brasileiro do século XIX" in *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*. Volume 13, número 2. Novembro de 2011. pp. 87 - 99.
- \_\_\_\_\_. "Cartografia do (De)Sertão do Brasil: notas sobre uma imagem em formação - séculos XIX e XX" in *Anais do XII Coloquio Internacional de Geocrítica*. Bogotá: maio de 2012.
- DE BIAGGI, Enali M. "As fronteiras nas cartas gerais do Brasil no século XIX: um Império no jogo das nações" in *Anais do I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica*. Paraty: maio de 2011.
- GUERRA, Amanda Estela e SANTOS, Márcia Maria Duarte dos. "O 'Atlas do Império do Brazil': uma proposta de definição dos limites do Brasil no século XIX" in *Anais do IV Simpósio Lusobrasileiro de Cartografia Histórica*. Porto: 9 a 12 de novembro de 2011.
- HIDALGO, Alexander & LÓPEZ, John F. "Introduction: Imperial Geographies and Spatial Memories in Spanish America" in *Journal of Latin American Geography*. Volume 11, special number, 2012. pp. 1 - 4.
- JANCSÓ, István. *Na Bahia, Contra o Império. História do ensaio de sedição de 1798*. São Paulo / Salvador, Hucitec / Edufba, 1996.
- KANTOR, Íris. "Mapas em Trânsito: projeções cartográficas e processo de emancipação política do Brasil (1779-1822)" in *Araucaria - Revista Iberoamericana de Filosofia, Política y Humanidades*. Ano 12, número 24, 2010. pp. 110 - 123.
- \_\_\_\_\_. "Usos diplomáticos da Ilha-Brasil" in *Revista Varia Historia*. Volume 23, número 37. Belo Horizonte: jan/jun de 2007. pp. 70 - 80.
- MATTOS, Cláudia Valladão de & OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles (orgs.). *O Brado do Ipiranga*. São Paulo, Edusp/Imprensa Oficial, 1999.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. *Ideologias Geográficas*. 5ª edição. São Paulo: Annablume, 2005 [1988].
- POLLAK, Michael. "Memória, Esquecimento, Silêncio" in *Estudos Históricos*. Volume 2, número 3. Rio de Janeiro, 1989. pp. 3-15

- PRADO, Maria Ligia Coelho. "Política e nação na pintura histórica de Pedro Américo e Juan Manuel Blanes" in *Anais do Museu Histórico Nacional - História e Patrimônio*. Volume 39, p. 1-536. Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional, 2007, pp. 147 - 166.
- RICOEUR, Paul. "É preciso reencontrar a incerteza da história" (entrevista) in: *Humboldt*. Número 79. Inter Naciones, 1999, pp. 2 - 5.
- SAMPAIO, Theodoro. "A Posse do Brasil Meridional" [1895] in *São Paulo no Século XIX e outros ciclos históricos*. Petrópolis: Vozes, 1978. pp. 289 - 309.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. "História e imagem: um exercício e uma questão de método" in *Revista Tempo Brasileiro*. Volume 180. São Paulo, 2010. pp. 15 - 32.

**Atlas escolares (ordem cronológica):**

- ALMEIDA, Candido Mendes de. *Atlas do Imperio do Brazil comprehendendo as respectivas divisões administrativas, ecclesiasticas, eleitoraes e judicarias*. Rio de Janeiro: Instituto Philomathico, 1868.
- ALMEIDA, Candido Mendes de. *Atlas do Imperio do Brazil. Os mapas de Candido Mendes 1868*. Edição fac-similar apenas do conjunto dos mapas<sup>11</sup>. Rio de Janeiro: Arte & História, 2000.
- SAMPAIO, Theodoro. *Atlas dos Estados Unidos do Brazil*. Salvador: Reis & Cia, 1908.
- Atlas Geográfico Escolar*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura - Departamento Nacional de Educação / IBGE - Conselho Nacional de Geografia / Campanha Nacional de Material de Ensino, 1956.
- Atlas Geográfico Escolar*. 6ª ed. atualizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia - IBG - da Fundação IBGE. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / FENAME - Fundação Nacional de Material Escolar, 1970.
- NÖNOYA Filho, José. *Atlas Geográfico de Mapas Continentais para a Escola Moderna*. São Paulo: Editora Maio de Mapas Escolares, 1970.
- Moderno Atlas Escolar - ensino médio*. ("Planejamento editorial": Edições Melhoramentos; colaboraram: Henrique GAMBÁ, Pasquale PETRONE, Caetano PALLAS, Wilson MARIOTTI, Francisco A. KLEIN)<sup>12</sup>. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, s.d.<sup>13</sup>
- PAUWELS, Pe. Geraldo José. *Atlas Geográfico Melhoramentos*. 54ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1991.

**Atlas históricos escolares (ordem cronológica):**

- Atlas Histórico Escolar*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / FENAME - Fundação Nacional de Material Escolar, 1968.
- Atlas Histórico Escolar*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / FENAME - Fundação Nacional de Material Escolar, 1977.

<sup>11</sup> É muito oportuno que se tenha reeditado o conjunto de mapas que compunham o *Atlas do Imperio do Brazil*, de Candido Mendes, mas registre-se que a obra perde muito de seu valor, ao não terem sido reeditados também os textos que precedem os mapas na edição original.

<sup>12</sup> Esta inscrição consta da contracapa da publicação. A reproduzimos aqui literalmente.

<sup>13</sup> Não há referência nenhuma à data de publicação. Porém, de acordo com alguns dados dos próprios mapas, é possível situar essa publicação como sendo da segunda metade da década de 1970.

ARRUDA, José Jobson de A. *Atlas Histórico Básico*. 17<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ática, 2001.

**Coleções didáticas:**

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Coleção Sérgio Buarque de Hollanda - História do Brasil. Curso Moderno*.  
Volume 1 - 1<sup>a</sup> série ginásial (Das Origens à Independência). São Paulo: Companhia Editora Nacional,  
1971.

SILVA, Joaquim. *História do Brasil para o Quarto Ano Ginásial*. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Companhia Editora  
Nacional, 1941.

## Anexo - atividade proposta aos alunos

Centro de Estudar Acaia Sagarana

INSTITUTO ACAIA



Prof. Daniel Vieira Helene

NOME:

DATA:

### Módulo 3 – atividade 1

Realize as atividades propostas, respondendo às perguntas da forma mais completa possível. Baseie-se nos seus próprios conhecimentos (mesmo que você nunca tenha estudado nada sobre isso):

- 1) Existe um momento em que o Brasil “começa a existir”? Que momento seria esse? Explique.

---



---



---



---



---

- 2) Nos mapas abaixo, que mostram apenas o contorno do continente americano, represente o Brasil, de acordo com o que era seu território, em três momentos diferentes de sua história (à sua escolha):

Momento 1: \_\_\_\_\_ Momento 2: \_\_\_\_\_ Momento 3: \_\_\_\_\_

---



---



---

